

TECNOLOGIAS DE SI — A MINIATURA, O GIGANTESCO E O AFETO NA REPRESENTAÇÃO DA NAÇÃO

PAULA MOTA SANTOS*

Resumo: Em 1940 o Estado Novo celebrava os 800 anos da fundação de Portugal. A construção do parque *Portugal dos Pequenitos* em Coimbra inseriu-se no espírito dessas celebrações, tendo sido por isso objeto de várias análises sobre a sua ligação com o regime de propaganda ideológica do Estado Novo. Este texto não se debruça sobre esse passado, mas sobre o presente deste espaço tematizado e as relações de afeto que a maioria dos seus visitantes tem para com este lugar. Analisa o papel que o espaço, nomeadamente as figuras de exagero (a miniatura e o gigantesco) que habitam o parque, têm nessa produção de afeto por uma representação de uma identidade coletiva (o «si»): a nação e/ou a Lusofonia.

Palavras-chave: Portugal dos Pequenitos; miniatura; gigantesco; pós-colonial; afeto.

Abstract: In 1940 the Estado Novo celebrated the 800th anniversary of the founding of Portugal. The construction of the park *Portugal of the Little Ones* in Coimbra was part of the spirit of those celebrations and as such it has been the subject of several analysis centering on its connection with the Estado Novo propaganda regime. This paper does not dwell on this past, but on the present of this themed space and the relations of affection that the majority of its visitors has to this place. It will analyse the role that space, in particular the two figures of exaggeration (the miniature and the gigantic) that inhabit the park, have in this production of affect for a representation of a collective identity (the «self»): the Nation and/or Lusophony.

Keywords: Portugal of the Little Ones; miniature; gigantic; post-colonial; affect.

* Professora Auxiliar, Universidade Fernando Pessoa e CAPP-ISCSP/Universidade de Lisboa. Email: pmsan-tos@ufp.edu.pt.

O PARQUE DO PORTUGAL DOS PEQUENITOS

O *Portugal dos Pequenitos* é um parque temático em miniatura localizado na cidade de Coimbra, Portugal. Construído por iniciativa de Bissaya Barreto e com assinatura do arquiteto Cassiano Branco, foi inaugurado em 1940, durante o regime ditatorial do Estado Novo, como parte das celebrações dos oitocentos anos da fundação da nação e dos trezentos anos da restauração da independência, e visava representar a nação. Tendo o sistema colonial português sido unicamente desmantelado na sequência da revolução democrática de 1974, o país que Cassiano Branco em 1940 plasmou nas estruturas materiais deste parque era ainda uma nação colonial¹. Numa área de cerca dois hectares e meio, este parque oferece hoje ao visitante praticamente as mesmas estruturas que Cassiano Branco projetou: um grande número de miniaturas de arquitetura principalmente vernacular associadas às várias regiões do país e às suas (agora antigas) colónias ultramarinas. Inicialmente construído como recreio de uma creche infantil (o Jardim Rainha Santa Isabel, propriedade, tal como o parque, da Fundação Bissaya Barreto), o mundo em miniatura criado visava ensinar as crianças sobre a Nação através do brincar².

Sendo um espaço que foi concebido para crianças, este mundo em miniatura desde cedo atraiu os adultos³: o primeiro registo sobre o cobrar de entrada encontra-se nas atas de reunião de Maio de 1945 da instituição que regia o Jardim de Infância e seu parque. Até recentemente, e mais de 70 anos após a sua abertura oficial, este parque temático gozou da reputação de ser a atração turística mais visitada em Coimbra — sendo que esta é uma cidade histórica com uma grande riqueza de património arquitetónico a ser visitado⁴. Em 2014, o parque perdeu (mas por pouca margem) esse estatuto de local turístico mais visitado de Coimbra para o conjunto arquitetónico de edifícios históricos da Universidade de Coimbra que em 2013 tinham sido classificados como património Mundial da UNESCO⁵. De sublinhar de novo que o parque e as suas estruturas, idealizadas e construídas durante o período colonial, não sofreram alteração de maior: o que é oferecido ao visitante de hoje é basicamente o que era oferecido há décadas atrás. A diferença principal entre o tempo de origem e o presente está no que é dito estar nele representado: já não é o império, mas sim a Comunidade de Países de

¹ Para uma análise mais aprofundada do contexto histórico e ideológico aquando da construção do parque ver BABO, 1997; MATOS, 2006; 2010; PAULO, 1990; PORTO, 1994.

² Para informação mais detalhada sobre a obra social de Bissaya Barreto, bem como sobre a orientação pedagógica por detrás da construção do *Portugal dos Pequenitos* ver SOUSA, 1999; MATOS, 2010.

³ Ver, por exemplo o relato de visita em MONTÊS, 1939.

⁴ Ver FORTUNA *et al.*, 2012.

⁵ Número de visitantes em 2008: Portugal dos Pequenitos, 300.000; Universidade de Coimbra, 190.000. Em 2014: Universidade de Coimbra, 293.132 (Universidade de Coimbra 2014, p. 40); Portugal dos Pequenitos, 242.000 (número dos visitantes do parque fornecidos pela diretora).

Língua Portuguesa⁶: nomeadamente os países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, mais Macau, Índia, Timor e Brasil⁷.

Em 2017, dos quase trezentos mil visitantes que visitaram este mundo criado para pequenitos, 65% eram adultos. Em 2017 também, dos quase trezentos mil visitantes que pagaram a entrada desta atração turística, a grande maioria (80%) eram cidadãos portugueses⁸. Estas proporções de visitantes, que são razoavelmente estáveis ao longo os últimos dez anos⁹, denotam uma relação especial do *Portugal dos Pequenitos* — um espaço construído há bem mais de três quartos de século durante o período colonial e com o objetivo de retratar a nação de então — com os cidadãos portugueses do presente. É sobre as razões desta relação que este texto se debruça¹⁰.

AFETO

O *Portugal dos Pequenitos* é um lugar que visitei várias vezes quando criança, quer nas férias com a minha família, quer com a escola primária. As minhas memórias de infância deste lugar são sobretudo de prazer e diversão. E porque as minhas memórias do *Portugal dos Pequenitos* eram de prazer, uma vez mãe, levei lá os meus filhos quando estes eram pequenos. Essa foi a primeira vez que voltei a este lugar desde que lá tinha ido quando criança. Foi então, enquanto adulta e professora universitária em início de carreira, que me apercebi do tom colonial do lugar — um tom que me deixou estarecida assim que entrei. Foi então que percebi que aquele lugar era bem mais que o «local de brincar» que habitava as minhas memórias.

Uma década depois deste primeiro reencontro, e já no contexto do meu trabalho de docente de antropologia do espaço a alunos de arquitetura, e como modo de desenvolver a compreensão do espaço como narrativa por parte dos alunos, organizei uma vista de estudo ao *Portugal dos Pequenitos* enquanto espaço tematizado. Como parte do processo de avaliação os alunos tinham que redigir um relatório auto-reflexivo sobre a experiência da visita.

Ao ler os cerca de vinte relatórios de visita dos alunos, notei a ocorrência frequente de frases como «e senti-me orgulhoso de pertencer à nação que mostrou o mundo ao

⁶ Organização intergovernamental criada em 1996.

⁷ Para análise mais detalhada destas mudanças ver SANTOS, 2014b.

⁸ Informação em <<https://expresso.sapo.pt/sociedade/2018-01-09-Maioria-de-visitantes-do-Portugal-dos-Pequenitos-sao-adultos#gs.QFSD95TH>>. [Consultado em 18/01/19].

⁹ Dados sobre visitantes obtidos em 2008 junto da direção do parque revelam uma proporção semelhante (SANTOS, 2014a). No entanto nos anos de 2011 e 2012 o número de visitantes foi ligeiramente inferior (APÓSTOLO, 2013).

¹⁰ Este texto pretende principalmente disponibilizar em português uma investigação que tem sido sempre publicada em inglês. Neste texto oferece-se uma versão que interliga (se bem que de modo resumido) aspetos que foram publicados de modo separado. Dos vários textos publicados, e devido à temática do Congresso, este texto em português centraliza o seu foco no uso que o parque faz da miniatura (para versão mais aprofundar ver SANTOS, 2014a; encontram-se aqui também elementos parte de outros textos igualmente publicados em inglês. Todos os textos ingleses desta investigação estão listados na bibliografia final deste artigo.

mundo». Estas frases revelavam um forte apego emocional ao Portugal em exibição no parque, o que me surpreendeu, pois todos os estudantes em questão, não só tinham nascido cerca de 20 anos após o desaparecimento do império colonial português (logo, nunca o tendo vivenciado), como estavam a visitar (muitos deles agora por uma segunda vez) um espaço ideologicamente pensado e concretizado há bem mais de sessenta anos, durante o regime ditatorial do Estado Novo.

Escrevi já¹¹ sobre este parque e sobre as ordens morais de atração¹² que ele encapsula. Mas neste texto, subordinado à temática geral de uma conferência sobre «Maneiras de Fazer», quero abordar alguns aspectos das tecnologias do espaço em ação neste lugar de auto-representação e que produzem os termos de afeto que os visitantes portugueses parecem ter para com o mesmo. Neste âmbito de análise de tecnologias do espaço, presto aqui atenção ao exagero, que é elemento que alimenta figuras de retórica — e a retórica é a arte de usar a forma para convencer os outros da validade e/ou veracidade dos nossos argumentos. Irei assim abordar a miniatura e o gigantesco, duas formas de exagero que habitam o *Portugal dos Pequenitos*. Nesta abordagem destas duas figuras de exagero inspiro-me no trabalho de Susan Stewart¹³.

A MINIATURA

A miniatura habita o *Portugal dos Pequenitos* na medida em que todos os pavilhões que representam os diferentes lugares estão construídos em escala reduzida¹⁴. Isto torna a miniatura o traço que os visitantes mais identificam como característico do parque.

Em termos gerais, a miniatura constitui tanto uma forma específica de representação como um modo de experimentar a natureza de uma realidade, que é ela de uma ordem mais ampla. A produção da miniatura cria um mundo impossível, e por esse mesmo ato de fazê-lo existir, a miniatura nega a própria impossibilidade da existência desse mundo impossível. Essa capacidade da miniatura em derrubar a impossibilidade de existência estabelecida pelas leis do mundo do senso comum, pertence ao domínio do mágico no sentido antropológico do termo. Entre os «poderes» específicos da miniatura como tecnologia espacial de representação, encontram-se os efeitos da «perícia» e o da «totalidade na pequenez»¹⁵.

A miniatura joga com os limites da habilidade. Os gestos e ações por detrás da criação do diminuto, falam de perícia e disciplina¹⁶. Longe de resultar de uma

¹¹ SANTOS, 2018a.

¹² MACCANNELL, 1976.

¹³ STEWART, 1992.

¹⁴ Cassiano Branco refere duas escalas para o parque: uma escala de 0,005 p.m. para as classes infantis; e uma escala de 0,025 p.m. para as crianças de mais idade, e que eram áreas do parque que Cassiano designava de mais desenvolvidas de aspetos e documentação (MATOS, 2010: 8).

¹⁵ STEIN, 1990.

¹⁶ STEWART, 1992: 39.

contingência acidental (um imprevisto devido à falta de espaço), a pequenez da miniatura faz aumentar o valor do objeto. Essa valorização da realidade miniaturizada pode ser encontrada, por exemplo, na velha tradição de jardins em miniatura na cultura chinesa — e naquelas por esta influenciadas, como a japonesa, a vietnamita e a tailandesa —, onde os jardins em recipientes são altamente valorizados, sendo-lhes creditadas propriedades estéticas, filosóficas e mágicas¹⁷. Através da habilidade de produzir o muito pequeno, a miniatura provoca espanto, na medida em que produz um mundo fabuloso e fantástico. A descrição de Alfred Gell do seu encontro, aos onze anos de idade, com um modelo de fósforos da catedral de Salisbury enquanto visitava o original, ilustra claramente a capacidade da miniatura em causar impacto naqueles que a contemplam¹⁸. Além disso, e de acordo com Gell, o poder dos objetos de arte deriva do processo técnico que eles corporizam: «a tecnologia do encantamento é fundada no encantamento da tecnologia»¹⁹. Este encanto da tecnologia está definitivamente em ação no *Portugal dos Pequenitos*, que é frequentemente citado e visitado por arquitetos e estudantes de arquitetura precisamente por causa da qualidade das suas réplicas, enquanto outros visitantes costumam referir, maravilhados, a minúcia dos edifícios.

Na consideração aqui do domínio da retórica do espaço e seu entrelaçamento com a postura fenomenológica que centraliza o corpo, é necessário enfocar o modo particular como o *Portugal dos Pequenitos* faz uso da miniatura. Ao contrário de *Bekonscot* (final dos anos 1920, Beaconsfield, Reino Unido) ou de *Splendid China* (1989, Shenzhen, República Popular da China) — dois parques temáticos que também apresentam réplicas em miniatura de edifícios reais, mas em tamanho pequeno demais para os visitantes neles entrarem —, a escala usada no *Portugal dos Pequenitos* permite que os visitantes acedam ao interior das réplicas miniaturizadas. As crianças podem fazê-lo sem esforço em qualquer das miniaturas, enquanto os adultos podem entrar em algumas das casas se se curvarem — mas noutras nem assim, tendo que ficar de fora a ver a alegria das crianças de se verem num espaço feito à sua medida. Esta possibilidade de participação, e não unicamente de observação, no universo representado, isto é, os efeitos da miniatura como fenomenologicamente vivenciada pelo corpo senciante, é o principal elemento da negociação bem-sucedida das ordens morais de atração deste lugar colonial em tempos pós-coloniais — e que é objetivada na qualidade mágica da experiência da visita, algo frequentemente expresso por quem vai ao *Portugal dos Pequenitos*²⁰. Este aspeto específico da experiência da visita será desenvolvido mais à frente neste texto.

Há ainda a considerar que mundos em miniatura, qual microcosmos, são um encapsulamento do macrocosmos. A miniatura enquanto modo de representação

¹⁷ STEIN, 1990.

¹⁸ GELL, 1992: 47.

¹⁹ Todas as traduções feitas pela autora (GELL, 1992: 44).

²⁰ Para análise detalhada ver SANTOS, 2014a; SANTOS, 2018a.

permite uma percepção clara da totalidade do objeto observado. No seu livro de 1992, a poetisa e crítica Susan Stewart aborda, entre outros assuntos, a relação entre corpo, escala e narrativa através da análise de micrografias. Os primeiros exemplos de micrografia foram de textos com importância social, como por exemplo a Bíblia. Suficientemente pequenos para serem carregados perto do corpo, os livros em miniatura tinham, muitas vezes, um objetivo pedagógico: numa pequena quantidade de espaço físico, o leitor dispunha de informações importantes. *Portugal dos Pequenitos* pode ser assim tomado como um exemplo de micrografia na medida em que retrata, narra e transmite informações importantes numa compressão espaço-temporal: pequeno em termos de espaço, mas enorme em termos do seu conteúdo. No *Portugal dos Pequenitos* enquanto mundo em miniatura (o parque temático), através de uma experiência única (a visita), conseguimos captar e aprender sobre uma totalidade que é gigantesca (o império colonial/nação ou a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) que, se fosse para ser apreendida através da visita aos lugares reais que as réplicas representam, muito provavelmente nunca seria experienciada, vivida e apreendida, devido à dispersão planetária desses lugares²¹.

O GIGANTESCO

Uma vez terminada a sua construção nos anos 60²², *Portugal dos Pequenitos* deu corpo a uma representação da nação numa forma exagerada: o imenso império colonial. Hoje, e porque as estruturas de há 79 anos são basicamente as mesmas, o parque oferece aos visitantes a exibição do igualmente grande mundo lusófono como consubstanciado da Comunidade de Países de Língua Portuguesa. *Portugal dos Pequenitos* apresenta-se assim como um espaço muito intrigante na medida em que contém um paradoxo, pois é habitado por duas entidades metafóricas: a miniatura (a forma usada) e o gigantesco (o tema exibido, seja o império colonial, seja a Comunidade de Países de Língua Portuguesa).

O gigantesco, da mesma forma que a miniatura, alimenta-se de exagero. Mas enquanto o exagero da miniatura resulta no muito pequeno, o exagero no gigantesco produz o oposto: o muito grande. Se a miniatura fala de estrutura, o gigantesco fala de agência²³. Os gigantes transformaram a paisagem: os contos tradicionais falam frequentemente de características geográficas como tendo resultado da ação dos gigantes — grandes lagos são formados quando os gigantes deixam a pegada na terra para serem

²¹ Esta qualidade de réplica e de totalidade estão subjacentes à razão de visita por parte de um grupo de visitantes portugueses ou de ascendência portuguesa muito específico e revelado pelo trabalho de campo com os visitantes: aqueles que habitam e trabalham noutros países europeus, e que no seu mês de férias de Verão vêm ao *Portugal dos Pequenitos* para mostrar o país todo aos membros mais novos da família.

²² MATOS, 2010.

²³ STEWART, 1992.

preenchidos pela chuva, grandes pedras espalhadas pelo campo sugerem gigantes a jogar, e cursos de água são formados a partir das suas lágrimas²⁴.

O projeto colonial é ele sobre ação e transformação: ao alargar-se para além da sua geografia original (a Europa), o poder colonial (Portugal) foi mudar o mundo («descobrimo» novas terras e «civilizando» os nativos «selvagens»). Segundo Stewart²⁵, a cultura pré-industrial localiza o gigantesco na natureza, enquanto a ascensão do capitalismo industrial desloca o gigantesco para o abstrato da economia de troca. Se a transposição do gigantesco do mundo natural para o meio urbano das relações de mercado marca uma transição das forças ambivalentes do natural (produtivo e destrutivo) para as forças reprodutivas das sociedades de classes²⁶, então o projeto colonial é verdadeiramente gigantesco na medida em que a sociedade de classes é tanto essência quanto consequência da natureza e do destino do empreendimento colonial e seu sistema capitalista. A realidade oferecida no *Portugal dos Pequenitos* é assim gigantesca, tanto enquanto império colonial, tanto enquanto comunidade de países de língua portuguesa: enquanto império colonial, é a nação exagerada: é um corpo ampliado para além dos seus limites «naturais» (suas fronteiras e geografia europeias), e enquanto Comunidade de Países de Língua Portuguesa, é imensa, englobando 250 milhões de pessoas nos quatro cantos do globo.

Esta qualidade gigantesca do mundo em exposição no *Portugal dos Pequenitos* é mais claramente objetificada num elemento particular do parque: o mapa-mundo de 7x4 metros exibido na parede que separa as seções e geografias além-mar das representações baseadas na geografia europeia (Portugal Monumental, conjunto de Coimbra e Portugal Continental/Casas Regionais). Este é um mapa-mundo gigantesco no qual são mostradas as rotas de «descoberta» percorridas pelos navegadores portugueses, e onde estão assinalados (a verde) os territórios que constituíram o império, e que hoje constituem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Do lado direito desta representação do mundo encontra-se uma estátua gigantesca do Infante D. Henrique, o Navegador, o príncipe português que conduziu Portugal à aventura marítima iniciada no século XV, e assim iniciou o destino colonial da nação.

²⁴ STEWART, 1992: 72-73.

²⁵ STEWART, 1992: 79.

²⁶ STEWART, 1992: 79-84.



Figura 1. O Mapa Mundo.
(Fotografia da autora).

O gigantesco exterioriza e produz comunidade, sendo análogo a instituições abstratas como Estado ou religião: o gigantesco «enleia-nos e envolve-nos na sua sombra»²⁷. E este é justamente o efeito das fotografias *souvenir* frequentemente tiradas pelos visitantes do parque consigo próprios e em que este mapa gigantesco de um mundo liderado pelos portugueses é colocado em pano de fundo. Neste espetáculo do gigantesco, a imensa e gigantesca estátua do infante representa-o colossal, majestosamente sentado numa postura de autoridade e comando. Ele é gigantesco na sua pose e volume, tão gigantesco quanto o mapa do mundo ao lado dele, no qual o gigantesco

²⁷ STEWART, 1992: 71.

empreendimento colonial da nação Portuguesa é tão claramente exibido. E porque a escala de representação não pode ser vista separadamente da função social e dos valores que veicula, o gigantesco utilizado neste parque, enquanto tecnologia espacial do *eu*, produz um *Portugal dos Pequenitos* também ele grandioso e majestoso.

O COLONIAL NO PÓS-COLONIAL

Realismo vs Orientalismo

Um outro aspeto a ser considerado nas tecnologias espaciais do *eu* em jogo neste parque são os modos representacionais utilizados. O *Portugal dos Pequenitos* exhibe dois modos diferentes de representação: um modo hiper-realista (utilizado em todas as seções relacionadas com espaços não coloniais) e um modo Orientalista²⁸ (a área relacionada com os [ex]territórios coloniais). Se o primeiro, com a sua qualidade de réplica fiel de estilos construtivos, é uma das razões pelas quais estudantes de arquitetura visitam o parque, já o segundo encontram-lo marcado por uma estética modernista, onde os elementos arquitetónicos de culturas «exóticas» são interpretados por códigos ocidentais resultando em Áfricas, Índias e Extremo Orientes não reais, mas sim imaginados.

No que diz respeito a géneros, o realismo implica uma organização da informação claramente semelhante à organização da informação na vida real; mas na verdade o que o realismo faz, não é ser mimético da vida real, mas da sua hierarquização de informações²⁹. Além disso, se tomarmos o mundo da miniatura como um mundo metafórico³⁰ e não como um mundo metonímico, podemos ver como o *Portugal dos Pequenitos* adquire a qualidade de um emblema. Assim, e seguindo a análise de Bourdieu³¹, tal como acontece com as fotografias de família tiradas em frente à árvore de Natal, o espaço do *Portugal dos Pequenitos*, apesar de articular o individual e o histórico, fá-lo de acordo com um conjunto de convenções. Limitado no espaço (uma versão pequena/comprimida do Império Colonial e/ou da Comunidade de Países de Língua Portuguesa), o *Portugal dos Pequenitos* enquanto miniatura, oferece uma descrição e uma narrativa perfeitamente rematadas, oferece um quadro, um *tableau*.

Segundo Stewart³², um *tableau* fala da distância entre o narrado (neste caso, o próprio parque, seja como império e/ou comunidade lusófona) e o contexto em questão (neste caso, as condições históricas da produção de cada uma das duas entidades geopolíticas referidas). Os *tableaux* «só são possíveis através da representação, uma vez que [eles] oferecem um fechamento completo de um texto enquadrado a partir da realidade

²⁸ SAID, 2003.

²⁹ LIMA, 1989.

³⁰ STEWART, 1992: 44.

³¹ BOURDIEU, 1965.

³² STEWART, 1992.

que o rodeia»³³. Assim, as qualidades positivas do império e da história dele resultante — tal como exibidas no parque e frequentemente expressadas pelos meus estudantes e outros visitantes portugueses³⁴ — só são possíveis na medida em que a representação oferecida pelo *Portugal dos Pequenitos* esconde as condições históricas da produção do império. O *Portugal dos Pequenitos* como espaço representacional é, portanto, também um mito no sentido de Roland Barthes³⁵, ou seja, é um tipo de discurso, uma forma que visa não a explicação, mas sim a persuasão. É então porque o *Portugal dos Pequenitos* naturaliza o império e/ou o mundo lusófono ao ocultar as condições históricas e materiais da sua produção, que assume as qualidades do *tableau* de Stewart³⁶ e do mito de Barthes³⁷, dois conceitos imbuídos de um tempo intemporal.

INTEMPORAL E A-HISTÓRICO

Um tempo intemporal é mais uma das características do lugar ritualizado que o *Portugal dos Pequenitos* é. O *Portugal dos Pequenitos*, enquanto narrativa, não só tem um ponto de vista, como também tem o seu próprio tempo de história. A narrativa perfeitamente rematada oferecida pelo *Portugal dos Pequenitos* (o império e/ou a comunidade lusófona) está assim fora da temporalidade do quotidiano.

Os 79 anos (a permanência da existência) deste espaço estruturado que pouco foi alterado, produz um tempo a-histórico que atribui intemporalidade ao mundo ali retratado e criado. A retórica do espaço do *Portugal dos Pequenitos* apresenta a nação e/ou a comunidade lusófona de uma forma exagerada porque comprimida no tempo e no espaço (a experiência de visitar este pequeno parque e suas miniaturas). Além disso, o parque hoje apresenta o mundo lusófono, que é intrincado e diversificado (como anteriormente o império o era), e essa complexidade amplia a dimensão do significado do objeto experienciado/visitado. Assim, o *Portugal dos Pequenitos* assume a qualidade de um lugar grande no que diz respeito ao simbolismo e à representação. A sua grandeza, a sua natureza gigantesca como realidade espacial produzida, é paradoxalmente reforçada pela sua redução material, pela miniatura. Esta coabitação dialética de duas metáforas opostas (a miniatura e o gigantesco), juntamente com o venturoso encontro do parque com os tempos da nossa hipermodernidade habitada pelo pós-turista³⁸, trabalham para a capacidade que este espaço colonial tem em seduzir os visitantes num tempo pós-colonial, negociando com sucesso as ordens morais de atração³⁹.

³³ STEWART, 1992: 48.

³⁴ SANTOS, 2014a; 2104b; 2018a.

³⁵ BARTHES, 1976.

³⁶ STEWART, 1992.

³⁷ BARTHES, 1976.

³⁸ FEIFER, 1985.

³⁹ MACCANNELL, 1976.

Porém, mais do que esta contingência histórica de co-habitações fortuitas, mas venturosas, argumenta-se aqui que é o uso particular que o parque faz da miniatura e a maneira como ela interfere na experimentação do lugar pelo visitante, que permite uma negociação bem-sucedida das ordens morais de atração.

TECNOLOGIAS DO «SI» E REPRESENTAÇÃO

Todos os dispositivos de retórica e tecnologia espacial até aqui enunciados e analisados contribuem para o trabalho de representação que o *Portugal dos Pequenitos* é. Este oferece aos seus visitantes a inteireza da portugalidade e/ou lusofonia como identidade através da possibilidade de se experimentar a «impossibilidade da totalidade na pequenez», isto é, através da visita ao parque e ao mundo irrealmente real que o habita.

Como já argumentei, os efeitos que emanam da miniatura, nomeadamente o maravilhamento perante a perícia e perante a capacidade de ter a totalidade no diminuto, estão em ação na experiência da visita ao *Portugal dos Pequenitos*. Além destes efeitos, e como Sontag⁴⁰ afirmou em relação à fotografia, a miniaturização tem a capacidade de aumentar o sentido de apropriação, o que por sua vez ajuda a produzir um sentido de identificação, na medida em que o que sinto ser meu pode ser percebido como parte de mim. Ao exibir um mundo tão pequeno que a única coisa que os visitantes podem fazer é apontar para as réplicas em miniatura «lá em baixo», tanto *Bekonscot* quanto *Splendid China* produzem o que eu chamo experiência⁴¹ Liliputiana do espaço, enquanto o *Portugal dos Pequenitos* produz uma experiência Carrolliana⁴². Ao aceder ao interior das pequenas casas através da capacidade de encaixar o corpo dentro do espaço disponível (mesmo se com dificuldade), os visitantes do *Portugal dos Pequenitos* passam por uma experiência semelhante à experiência da Alice (de Lewis Carroll) de mudanças mágicas do tamanho do corpo. Mas mais importante ainda, essa capacidade de aceder ao interior dos edifícios miniaturizados permite aos visitantes do parque (crianças, adolescentes e adultos) participarem realmente do mundo em exibição. E através dessa capacidade de estar no interior desses edifícios miniaturizados, esse mundo deixa de ser uma fantasia e é uma realidade: eu faço parte dele e ele é parte de mim.

Num dos seus textos, Alfred Gell descreve o poder das belas e habilmente esculpidas tábuas de proa das canoas do kula das ilhas Trobriand que «devem deslumbrar o observador e enfraquecer o seu controle sobre si próprio»⁴³, fazendo com que este se comporte com inesperada generosidade, ou seja, fique mais disposto a oferecer aos

⁴⁰ SONTAG, 1979.

⁴¹ «Experiência» é usado no sentido Kantiano de conhecimento do lugar como conhecimento genuinamente local «is in itself experiential in the manner of Erlebnis, 'lived experience', rather than of Erfahrung, the already elapsed experience» (CASEY, 1996: 18).

⁴² SANTOS, 2014a.

⁴³ GELL, 1992: 44.

parceiros de kula que o visitam os objetos kula de maior qualidade que ele detém⁴⁴. Essa disposição de oferecer os seus melhores itens kula ao parceiro visitante é semelhante à empatia. E empatia é o que os visitantes do *Portugal dos Pequenitos* experimentam quando expressam o seu gosto pelo lugar e o prazer pela visita. As requintadamente esculpidas tábuas de proa das canoas do kula têm a capacidade mágica de privar aqueles que as contemplam da sua razão⁴⁵. Para Gell, esse poder mágico, ou seja, a eficácia do objeto de arte como um componente da tecnologia do encantamento, é em si um resultado do encantamento da tecnologia pois «[é] o modo como um objeto de arte é interpretado como tendo chegado ao mundo que é a fonte do poder que tais objetos detêm sobre nós — o seu devir e não o seu ser»⁴⁶.

O engenho e a complexidade do mundo em miniatura feito existir no *Portugal dos Pequenitos*, juntamente com a percepção do elevado nível de dificuldade que a sua construção certamente envolveu, tornam mágicos o parque e a sua experiência devido aos seus processos técnicos que transcendem nossa compreensão e nos forçam a interpretá-los como assombrosos, como mágicos⁴⁷. Assim, tal como os poderes cativantes das tábuas de proa das canoas do kula fazem com que se entregue a razão e se dê ao parceiro kula os melhores objetos, o *Portugal dos Pequenitos*, através da sua estonteante aparência e qualidade artística, seduz os visitantes fazendo-os comportar-se com inesperada generosidade, entregando à narrativa do parque o seu maior constituinte de si próprios: o seu coração.

[Para dizer agora] *como me senti sobre o lugar... a representação da expansão marítima... transmite-me um grande orgulho, pois retrata um dos maiores momentos da história portuguesa: as conquistas. Para mim, significa e glorifica a Pátria, presta homenagem aos portugueses que perderam a vida nos mares em busca de novas terras, novos territórios, novas culturas. Desta forma, o seu esplendor estará sempre presente nas nossas vidas... Adorei a visita e, se já amava o meu país, adoro mais agora...* [estudante de arquitetura, feminino 19 anos, 2008].

Os números de visitantes enunciados no início deste texto, bem como a elevada presença de cidadãos portugueses na sua composição⁴⁸, denotam uma relação especial por parte destes com este parque tematizado e seu sistema representacional. A estes números deve-se adicionar o conhecimento obtido através de trabalho de campo junto

⁴⁴ GELL, 1992: 46.

⁴⁵ GELL, 1992: 46.

⁴⁶ GELL, 1992: 46.

⁴⁷ GELL, 1992: 49.

⁴⁸ Tal foi a percepção obtida nas várias visitas feitas, que foi confirmada pela informação dada pela diretora do parque. De notar que o estudo quantitativo de Apóstolo indica 85,9% de Portugueses no total de 199 inquiridos (APÓSTOLO, 2013: 63).

dos visitantes portugueses⁴⁹, dos quais não só a maioria vai a Coimbra especificamente para visitar o *Portugal dos Pequenitos*, como frequentemente o visitaram várias vezes. E tendo sido re-visita ou sendo visita primeira, estes visitantes expressam frequentemente a intenção de repetir a visita em fases posteriores da sua vida, como, por exemplo, quando forem pais⁵⁰.

REMATE

A realidade da relação dos visitantes do presente com um espaço de um certo passado que é, não obstante, presente também, é complexo e repleto de nuances, sendo neste texto específica, mas inevitavelmente limitadamente focalizado. O leitor que procure maior focalização poderá encontrá-la em trabalho já publicado⁵¹, em que analiso em detalhe o modo como jovens adultos portugueses se relacionam com o espaço do *Portugal dos Pequenitos*, e do qual o excerto mais acima citado é exemplificativo. Noutro texto⁵² analiso como o ensino da história de Portugal no sistema educativo português, e nomeadamente a afasia⁵³ que recai sobre a escravatura e o tráfico negreiro levado a cabo por Portugal enquanto potência colonial, não só cria as condições para as dinâmicas raciais do presente na sociedade portuguesa⁵⁴, como leva a cabo um enaltecimento do chamado período dos descobrimentos. Esta socialização na escola portuguesa na metanarrativa do engenho, coragem e abertura ao mundo por parte de um pequeno e periférico país europeu — narrativa que esconde na maior parte as condições históricas do projeto colonial como sistema de dominação e exploração de vastos conjuntos populacionais — aliada aos poderes da miniatura como aqui retratados, conjugam-se de modo perfeito no *Portugal dos Pequenitos* tornando-o um claro exemplo de concretização de «tecnologias de 'si'», isto é, de «modos de fazer existir nação e/ou lusofonia» que produzem o afeto experienciado pela maioria dos seus visitantes.

BIBLIOGRAFIA

- APÓSTOLO, T. E. L. (2013) — *O perfil do visitante do Portugal dos Pequenitos*. Tese de mestrado em Gestão e Planeamento em Turismo, Aveiro: Universidade de Aveiro. (Disponível em <<https://ria.ua.pt>>, bitstream. Perfil do visitante dos Portugal dos Pequenitos).
- BARTHES, R. (1976) — *O Mito, hoje*. In *Mitologias*. Lisboa: Edições 70, p. 249-298.
- BOURDIEU, P., ed. (1965) — *Un art moyen – essai sur les usages sociaux de la Photographie*. Paris: Éditions Minuit.

⁴⁹ Trabalho de terreno em julho de 2012 e de 2016. De notar que o estudo quantitativo de Apóstolo indica 71% dos inquiridos com indo a Coimbra exclusivamente para visitar o parque (APÓSTOLO, 2013: 67).

⁵⁰ Além desta informação obtida juntos dos visitantes durante os dois blocos de trabalho de terreno referenciados, é de notar que o estudo quantitativo de Apóstolo indica 78,4% dos inquiridos como tendo visitado anteriormente o parque numa média de 2,4 visitas (APÓSTOLO, 2013: 75).

⁵¹ SANTOS, 2018a.

⁵² SANTOS, 2014b.

⁵³ STOLER, 2011.

⁵⁴ Ver também SANTOS, 2018b.

- CASEY, E. S. (1996) — *How to get from Space to Place in a fairly short stretch of time – Phenomenological Prolegomena*. In FELD, S.; BASSO, K., ed. — *Senses of place*. Santa Fé, NM: School of American Research Press, p. 13-52.
- BABO, M. A. (1997) — *A naturalização da cultura. Uma representação arquitectónica do mundo: O Portugal dos Pequenitos*. «Vértice», Segunda Série, Maio/Junho. p. 89-93.
- FEIFER, M. (1985) — *Going Places: The Ways of the Tourist from Imperial Rome to the Present Day*. London: Macmillan.
- FORTUNA, C.; GOMES, C.; FERREIRA, C.; ABREU, P.; PEIXOTO, P. (2012) — *A cidade e o turismo – dinâmicas e desafios do turismo urbano em Coimbra*. Coimbra: Edições Almedina.
- GELL, A. (1992) — *The Technology of Enchantment and the Enchantment of Technology*. In COOTE, J.; SHELTON, A., ed. — *Anthropology, Art and Aesthetics*. Oxford: Clarendon. p. 40-66.
- LIMA, I. P. (1989) — *Trajectos – O Porto na memória Naturalista*. Lisboa: Guimarães Editora.
- MACCANNELL, D. (1976) — *The tourist – A new theory of the leisure class*. Berkeley, CA: University of California Press.
- MATOS, P. F. (2006) — *As côres do império – representações raciais no império colonial português*. Lisboa: ICS.
- (2010) — *A História e os Mitos. Manifestações da ideologia colonial na construção do Portugal dos Pequenitos em Coimbra*. *Guardianes de la Historia y de la Memoria: “Tradiciones” – Colecciones y Otras Manifestaciones (In)Materiales del Período Colonial*, 7.º Congresso Internacional de Estudos Africanos no Mundo Ibérico, p. 1-28. Disponível em <<http://repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/2194>>.
- MONTÊS, A. (1939) — *Assistência em Coimbra – uma demorada visita ao Portugal dos Pequenitos*. «Jornal Rádio Nacional», Ano III, n.º 124, 10 December.
- PAULO, H. (1990) — *Portugal dos Pequenitos: Uma obra ideológico-social de um professor de Coimbra*. «Revista de História da Ideias», vol. 12, p. 395-413.
- PORTO, N. (1994) — *Uma introdução à antropologia* (Aula teórica-prática no âmbito das Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica). Departamento de Antropologia. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade de Coimbra.
- SAID, E. (2003) — *Orientalism* [1978]. London: Penguin Books.
- SANTOS, P. M. (2014a) — *Calling Upon the Lost Empire: The Evocative Power of Miniatures in a Portuguese Nationalist Theme Park*. In PICARD, D.; GIOVINE, M., ed. — *Tourism and the Power of Otherness Seductions of Difference Bristol*. UK: Channel View Publications, p. 52-73.
- (2014b) — *The Imagined Nation: The Mystery of the Endurance of the Colonial Imaginary in Post-colonial Times*. In SALAZAR, N.; GRABURN, N., ed. — *Tourism Imaginaries – Anthropological Approaches*. Oxford: Berghahn, p. 20-21.
- (2018a) — *A hyperreal first-place: Portugal dos Pequenitos theme park and the narrative of origins*. «International Journal of Heritage Studies», 24: 2, p. 193-210.
- (2018b) — *The Other in Us: Representation of Black African Identity in Portuguese Social Space*. «Journal of Anthropological Research» 74: 4, p. 468-484. The University of Chicago Journals.
- SONTAG, S. (1979) — *On Photography* [1977]. London: Penguin Books.
- SOUSA, J. P. (1999) — *Bissaya-Barreto – Ordem e Progresso*. Coimbra: Livraria Minerva.
- STEIN, R. A. (1990) — *The World in Miniature. Container gardens and dwellings in far eastern religious thought*. Stanford CA: Stanford University Press.
- STEWART, S. (1992) — *On longing: narratives of the miniature, the gigantic, the souvenir, the collection*. Durham NC: Duke University Press.
- STOLER, A. L. (2011) — *Colonial Aphasia: Race and Disabled Histories in France*. «Public Culture», vol. 23 (1), p. 121-156.
- UNIVERSIDADE DE COIMBRA (2014) — *Relatório de Contas Consolidado*. Disponível em <http://www.uc.pt/dpgd/doc_gestao/relatorio_gestao_contas_consolidado_GPUC_2014.pdf>. (Consultado em 12/2015).